

5

Conclusão

O caminho que percorremos neste trabalho, desde a proposição do conceito de pulsão na obra freudiana até a discussão sobre a felicidade, nos conduz a afirmar que o projeto freudiano situa-se na contracorrente de todo discurso que pretenda suturar a divisão do sujeito prometendo-lhe plenitude e felicidade absoluta.

A psicanálise anuncia um ser humano que não pode mais deduzir o *eu sou* do *eu penso*, porque é habitado por forças que desconhece. O desejo que o constitui, defronta-o com a impossibilidade de alcançar tudo que almeja, e seu corpo destinado a perecer ensina-lhe que a vida que o anima é a um só tempo sua caminhada para a morte. Ao postular um sujeito pulsional, Freud revela a ilusão da autonomia da consciência e redefine a natureza humana a partir de uma nova perspectiva.

Procuramos dar relevo aos movimentos de construção da teoria pulsional na metapsicologia freudiana, desde os seus primórdios, no *Projeto para uma psicologia científica*, até seu formato final com a proposição do conceito de pulsão de morte e suas vicissitudes na vida psíquica e na cultura.

No decorrer desta construção, vimos um pensamento em movimento que muitas vezes recuava para seguir adiante, em constante reformulação embora abrangendo as construções anteriores em novas elaborações. A obra freudiana é um texto vivo, que se constitui como um instrumento privilegiado para pensar a alma humana ainda em nossos tempos, já que sua teorização sobre a pulsão de morte, que remonta há mais de oitenta anos atrás, transporta-se para o nosso tempo e descreve uma condição humana extremamente atual.

A proposição da pulsão de morte sugere uma vontade de destruição inerente à condição humana, que desmente a ilusão de que o homem é bom, de que é tolerante com as diferenças e com os estrangeiros. Trata-se de um elemento radicalmente novo que transforma a metapsicologia profundamente, inaugurando a destrutividade como um dado irredutível da alma humana.

Lembremos que na origem da vida psíquica, quando o sujeito se constitui, ele o faz primeiro expulsando o que é mau, já que: “Aquilo que é mau, o que é estranho ao ego, e aquilo que é externo são, para começar, idênticos (Freud,1925:297). Esta tendência agressiva vai assediá-lo por toda sua vida e se perpetuar em cada vínculo que este sujeito estabelecer com seus semelhantes, em cada adesão moral, em cada ideal que erguer e em cada conflito que se lhe apresente. Estarão sempre por trás da máscara civilizada deste sujeito seus impulsos eróticos e destrutivos intrincados modelando sua forma de lidar com o mundo, e com os objetos que para ele se constituírem como *peculiarmente adequados* para apaziguar suas *paixões*.

Procuramos destacar como, durante este caminhar, a natureza humana entra em choque com seus próprios impulsos destrutivos e sexuais. Freud (1930) vai dizer que a nossa civilização repousa inteiramente sobre a coerção desses impulsos fundamentais do ser humano, e nos ensina que, se por um lado a civilização é necessária para que um neném se transforme num ser humano, ela é a um só tempo responsável por uma grande dose de infelicidade e por muitas das limitações que este sujeito vai encontrar na tentativa de satisfazer suas pulsões.

Somos seres que carregamos conosco tendências cuja plena realização tornaria impossível a vida em sociedade, fato este que se comprova quando ocorrem manifestações coletivas de descontrole, como guerras e atos de barbárie. É por isso que temos em nós uma parte da psique encarregada do poder policial. Freud vai chamar esta instância de supereu, e irá estudá-la a partir de seu artigo de 1923 intitulado *O Ego e o Id*, dando-lhe o status de pólo privilegiado de ligação da pulsão de morte.

A agressividade do supereu em sua função de vigia dos impulsos pulsionais vem a ser, no quadro da segunda teoria pulsional freudiana, uma das formas pelas quais a pulsão de morte mostra o seu poder. A crueldade do supereu é atestada por fenômenos observáveis na clínica como a reação terapêutica negativa, que traz à tona uma tendência masoquista original do ser humano, que se apega à doença e agrava sua neurose no decorrer do tratamento - como se a miséria neurótica tivesse o caráter de expiação de um crime hediondo.

Não é de se admirar que tal concepção da natureza humana ponha em evidência para Freud a questão da eficácia e dos limites do tratamento. Que destino a psicanálise poderá oferecer à miséria neurótica?

Em *A psicoterapia da Histeria*, Freud nos ensina que o objetivo do tratamento é substituir a miséria da neurose por uma vida menos infeliz (Freud,1895:294). Esta frase não resume todo o pensamento freudiano sobre a terapêutica que ele inventou, mas delimita o alcance da prática psicanalítica, e nos faz pensar com maior humildade sobre o que podemos oferecer a nossos pacientes.

Sabemos que o método analítico foi se modificando ao longo dos anos, mas algo se manteve sempre imutável para Freud: ao trabalho da neurose, opõe-se o trabalho da análise, no transcurso do qual se obtém um efeito sobre a posição do sujeito.

No artigo *Análise terminável e interminável*, ao perguntar-se sobre o resultado final de uma análise, Freud evoca a transformação que uma pessoa deve sofrer para que possa dizer-se analisada:

Não é precisamente a reivindicação de nossa teoria o fato de que a análise produz um estado que nunca surge espontaneamente no ego e que esse estado recentemente criado constitui a diferença essencial entre uma pessoa que foi analisada e outra que não o foi? (Freud, 1937:259)

A questão que Freud coloca incide sobre a possibilidade de a psicanálise chegar a uma situação em que a possibilidade de geração de novos sintomas estaria eliminada. O intuito do tratamento anunciado por ele é o de radicalmente “exaurir as possibilidades de doença” (Freud,1937:256), ocasionando uma alteração profunda no sujeito. Trata-se de favorecer a circulação pulsional, dentre as várias possibilidades de descarga que a plasticidade da pulsão oferece. É justamente esta mobilidade da pulsão que possibilita um tratamento dos conflitos pulsionais, tornando possível ao material recalçado obter novos caminhos possíveis e aceitáveis de satisfação.

O que a análise modifica, não é a exigência pulsional em si mesma, mas a forma de se posicionar diante desta exigência. O sujeito vai poder decidir mais

flexivelmente, abandonando suas exigências narcísicas mais rudes, as diferentes maneiras de negociação diante dos conflitos relativos ao desejo. Ele vai poder renegociar, com maior ou menor custo, quanto de sua energia pulsional vai ser satisfeita diretamente, encontrar, se tiver a disposição para tal, satisfações sublimatórias importantes, e o quanto vai poder renunciar. Essencialmente o que análise produz num sujeito é aumentar sua flexibilidade egóica e mobilidade das formas de satisfações pulsionais.

A saída que Freud nos oferece, ou a felicidade que é possível “se não é a de uma felicidade remetida à completude, seria ao menos um certo estado de harmonia” (Herzog, 2000:102). Esta felicidade está em conseguir uma certa satisfação pulsional que gere uma situação de equilíbrio. Assim, ao postular um sujeito pulsional, a promessa analítica de Freud deixa lugar a uma nova relação com o desejo, a uma possibilidade de reposicionamento sempre renovada, algo muito raro e muito precioso. Fico no registro desta aposta.